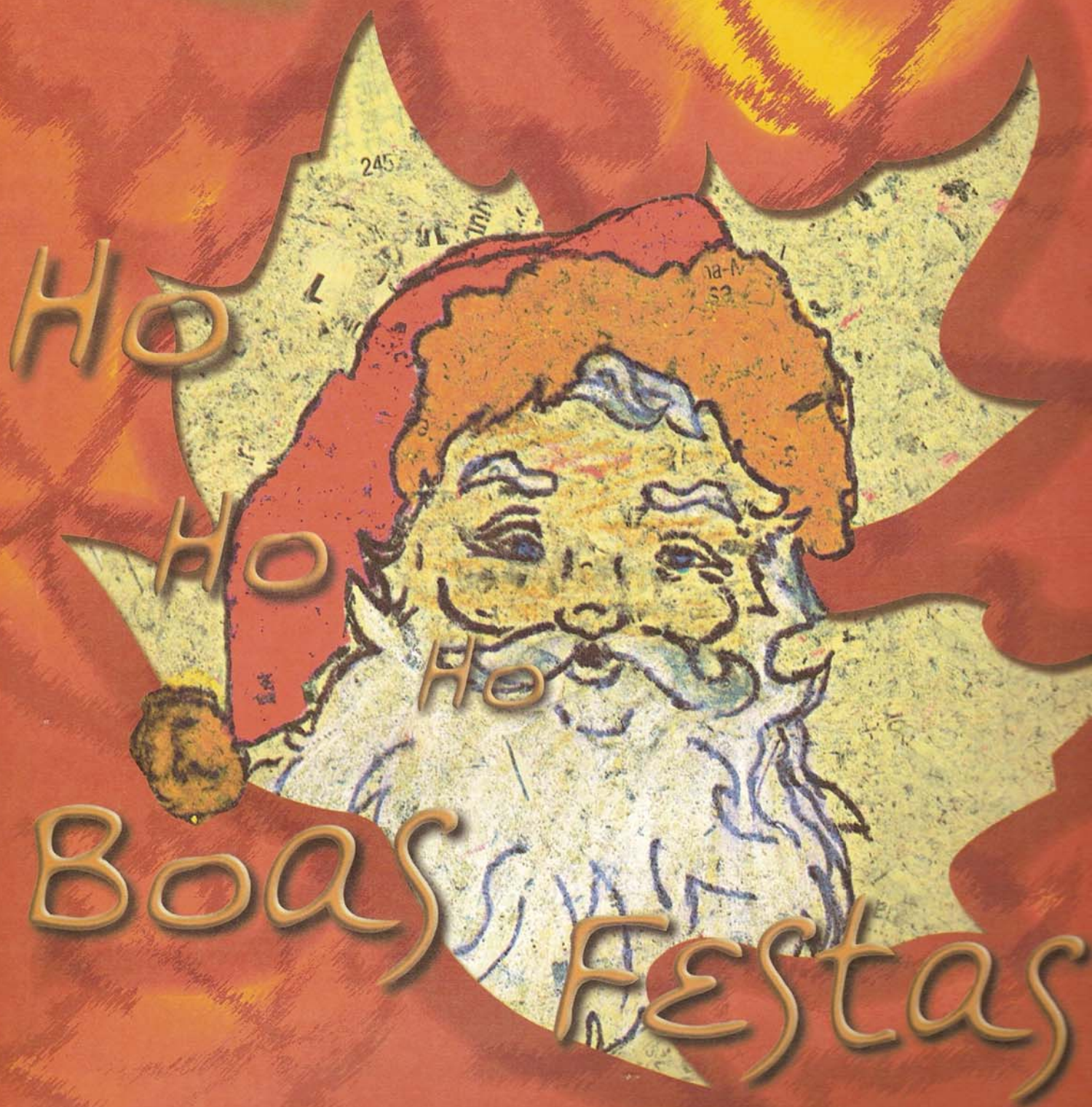


Folha Viva

Jornal dos Clubes da Floresta
do Projecto Prosepe • Floresta Viva

Número 5 • Ano II
Dezembro 1998



Sumário

Aconteceu	3
Escola Viva	7
Prosepe mania	10
Dar voz aos leitores	10
A floresta e os transportes aquáticos	12
A floresta e o artesanato	20
Veia poética	22
Olha o Jornal	23
Sabias?	23
É para a desconstracção	24
É para o retrato	25
É para a pintura	25
Cria, recolhe e envia	25
Janela da floresta	26
Outono Prosepe floresta viva	26
Monografia	28

Folha Viva

Jornal dos Clubes da Floresta do Projecto Prosepe • Floresta Viva

Propriedade

INICF - Núcleo de Investigação Científica de Incêndios Florestais
Universidade de Coimbra
Av. Bissaya Barreto, 58, r/c - 3000 Coimbra
Tel. (039) 484680 / 483523 - Fax (039) 484378

Director

Luciano Lourenço

Equipa de redacção

Groça Lourenço, Paula Pinto

Dactilografia

Paula Pinto

Fotografias

Membros dos Clubes da Floresta, Vasco da Groça

Design e Composição

Victor Hugo Fernandes

Revisão Tipográfica

Manuel Ferreira

Impressão

G.A. - Gráfica de Coimbra, Lda.

Capa

Ilustração da Postal de Natal do Clube da Floresta "D. Bolota"
da EB 2,3 Dr. Correia Alexandre - Leiria

Tiragem

2000 exemplares

Periodicidade

Trimestral

Distribuição:

Assinatura - 1.000\$00

Membros Clubes da Floresta - 500\$00

Clubes e Entidades colaboradoras - gratuita

Depósito Legal

117549/97

Editorial

A publicação do "Folha Viva" relativa ao mês de Dezembro será sempre assinalada, de forma indelével, pela influência e espírito da quadra natalícia que se aproxima.

Pretendemos que o jornal chegue aos Clubes da Floresta antes das Férias de Natal e por esse motivo, sabendo do empenhamento de todos na preservação da floresta, duas breves referências tendentes a contrariar o abate inconsciente de árvores que esta época propicia.

Na maior parte dos casos, trata-se de manter uma tradição. Se queremos mantê-la devemos fazê-lo dignificando as árvores, ou seja, em vez do abate indiscriminado, geralmente das árvores mais belas, propomos a plantação da árvore (pinheiro bravo, manso, silvestre, pseudotsuga) em vaso adequado e, depois, o seu cultivo ao longo do ano, para voltar a utilizar no Natal dos anos seguintes.

Em alternativa, uma óptima oportunidade para obter grande quantidade de árvores, sem prejuízo do desenvolvimento harmonioso da floresta, pode conseguir-se através do desbaste de pinhal jovem, uma tarefa necessária ao bom desenvolvimento e condução dos povoamentos florestais.

Cada membro do Clube da Floresta deve promover o uso adequado das árvores, sem nunca colocar em risco a harmonia e equilíbrio da Floresta.

Que a época natalícia sirva para fortalecer o espírito Prosepe na defesa e promoção da Floresta.

Um Santo e Feliz Natal para todos.

O Director

Correio

O Folha Viva só é o Jornal dos Clubes para os Clubes da Floresta, se tu participares nas suas várias rubricas. Para além disso, podes enviar qualquer sugestão crítica, enfim, dá asas à imaginação. O importante é mesmo participares, partilhares com os milhares de membros da rede de Clubes da Floresta. Portanto, o essencial é a tua mensagem relativa ao modo como olhas pela floresta.

Deves endereçar a tua correspondência para:
Correio dos Leitores • Projecto Prosepe
Av. Bissaya Barreto, nº 58, r/c - 3000 Coimbra

II Jornadas Nacionais Prosepe Floresta Viva

As II Jornadas Nacionais Prosepe Floresta Viva decorreram nos passados dias 19 e 20 de Outubro, em Fátima, sob a égide Floresta Portuguesa – Evolução Recente e Perspectivas Futuras. Nestas, estiveram presentes centenas de participantes, entre professores e representantes dos conselhos directivos, autarcas, bombeiros, florestais, empresas, entidades e membros do governo.

Estas II Jornadas tiveram um carácter científico-pedagógico e visavam ministrar formação aos responsáveis pelos Clubes da Floresta, sendo por isso obrigatória a presença de pelo menos um Professor de cada Clube da Floresta, tal como consta da página 26 do Regulamento (1998/99).

A sessão de abertura foi presidida por S. Ex^a, o Secretário de Estado Adjunto da Administração Interna, Armando Vara, o qual realçou na sua intervenção que o melhor caminho para a irradicação do maior flagelo que destroi as nossas florestas – os fogos florestais – é o da prevenção, daí a importância do PROSEPE, projecto de sensibilização da população escolar. Outro aspecto realçado por S. Ex^a o Secretário de Estado Adjunto, prende-se com a importância da cooperação e mútua colaboração das diversas entidades, mesmo as pertencentes a ministérios diferentes, para a resolução deste terrível problema, em vez de tomadas de decisão opostas.



“Temos de deixar de olhar só para a nossa capela ou quinta e cooperar em prol do nosso património”, foram as palavras proferidas por Armando Vara. Finalmente, apelou, às centenas de professores coordenadores e aderentes dos Clubes da Floresta presentes, para que *“participem na formação de cidadãos conscientes dos seus direitos e deveres”* e dediquem uma especial atenção a toda a problemática florestal.

Por sua vez, o Eng^o. João Soares, gerente da Emporsil, quando efectuava a sua preleção na sessão de abertura, subordinada ao tema – **Passado e Futuro próximos da Floresta Portuguesa** – aludiu a que acedeu colaborar nestas Jornadas *“pela simples razão que acompanha o PROSEPE desde o início e tem a clara percepção de que é este o único trabalho sério de fôlego e de futuro que se está a fazer hoje, com vista à sensibilização da população jovem para a floresta portuguesa”*.





As diversas intervenções apresentadas pretendiam analisar a floresta, sobretudo na perspectiva de um sector dinâmico e com potencialidades. Por outro lado, procuraram salientar a importância económica da floresta, quer na utilização da madeira e dos produtos florestais, quer na criação de emprego, salvaguardando os aspectos ecológicos.

Para além disso, foram abordadas questões pedagógicas relacionadas com a preservação da floresta, nomeadamente com vista à redução do risco de fogo florestal.



Neste contexto, as palestras foram apresentadas em blocos temáticos, nomeadamente, **Espaços florestais em transformação**, moderado pelo Presidente do Serviço Nacional de Bombeiros, Júlio Henriques; **Extracção Florestal, Artesanato e Pequena Indústria**, moderado pelo Presidente da Comissão Nacional Especializada de Fogos Florestais, o Eng.º Maia e Costa; **As grandes indústrias da fileira florestal**, moderado pelo Director de Serviços das Florestas, da Direcção Regional de Agricultura do Ribatejo e Oeste, Eng.º Joaquim Batista; **Prosepe, um projecto educativo que leva as Escolas a dar as mãos à Floresta**, moderado pelo



Vice-Presidente do Instituto de Promoção Ambiental, Dr. José Manuel Alho; **O Prosepe como Actividade de Complemento Curricular**, moderada pela Coordenadora do CAE de Lezíria e Médio Tejo, Dr.ª Maria Manuel Simão.

Na Sessão de Encerramento, presidida por S. Ex.ª o Secretário de Estado do Desenvolvimento Rural, Eng.º Vitor Barros, decorreu a lição proferida pelo Eng.º Branco Vasco, Director-Geral das Florestas. Depois, o Coordenador Nacional do Prosepe, Prof. Doutor Luciano Lourenço agradeceu a participação de todos nestas jornadas e realçou que a extensão do projecto em muito fica a dever à carolice, voluntariado e espírito de luta de centenas de professores e até de algumas entidades que desde cedo acreditaram neste projecto pedagógico.



É de realçar que o PROSEPE entrou no seu sexto ano de vida, tendo a sua área geográfica sido alargada no presente ano lectivo às Regiões Autónomas dos Açores e Madeira e congrega 269 Clubes da Floresta pertencentes a outras tantas Escolas Básicas e Secundárias, contemplando ainda uma Escola Profissional e um agrupamento de escuteiros.

Encerrou a Sessão, S. Ex.^a o Secretário de Estado do Desenvolvimento Rural.



Destas II Jornadas Nacionais Prosepe Floresta Viva retiraram-se, entre outras, as seguintes ilações:

- 1 - A necessidade de uma transposição para os territórios educativos da escola dos problemas da fileira florestal;
- 2 - O desafio da eco-eficiência como solução possível para atenuar a caminhada do Homem para a sua destruição;
- 3 - Apesar de já haver indícios de uma nova atitude de respeito e compreensão pelos valores da Natureza, em geral e, reconhecimento da importância dos espaços florestais, em particular, é imperioso que se continue a trilhar o caminho da prevenção;
- 4 - A dinamização dos Clubes da Floresta constituem simultaneamente um investimento em projectos que têm sido reconhecidos pelo seu elevado interesse pedagógico e uma alavanca de partilha de cooperação das forças vivas a nível local;
- 5 - O determinante papel da Escola para a reflexão permanente sobre a regressão e a degradação das florestas e espaços florestais;
- 6 - A urgência em se garantir o conhecimento cabal do património florestal pelas futuras gerações e, sensibilizá-las para uma postura interventiva na gestão e ocupação dos espaços e dos recursos florestais;
- 7 - E, finalmente que se multipliquem as palavras de Aquilino Ribeiro: *"Do pinhão, que um pé de vento arrancou ao dormitório da pinha-mãe, e da bolota, que a ave deixou cair no solo, repetido o acto mil vezes, gerou-se floresta."*



Clubes da Floresta recebem mais material Prosepe

O Prosepe continua a aposta da distribuição pelos Clubes de material, quer de identificação da Rede de Clubes da Floresta Prosepe Floresta Viva, quer de instrumentos pedagógicos.

Uma das grandes preocupações da Coordenação do Prosepe é dotar os Clubes de condições mínimas para o desenvolvimento das diferentes actividades. Deste modo, foi entregue o Caderno do Vigilante da Floresta e elaborado um jogo de sensibilização para a preservação da floresta, designado "Vamos Olhar por Ela".

Para que os aderentes ao Clube tenham algum material de pesquisa de acesso fácil foram distribuídas aos Clubes da Floresta, as Actas do VI EPRIF (Encontro Pedagógico sobre Risco de Incêndio Florestal) e as das II Jornadas Nacionais Prosepe Floresta Viva. Distribuímos, ainda, a obra Clubes da Floresta 1997/98 com o objectivo de dar a conhecer a Rede de Escolas Prosepe

- Floresta Viva.



Por forma a melhorar a identificação dos Clubes, no exterior da escola, foi oferecida uma placa e uma bandeira Prosepe.

Os membros dos diferentes Clubes poderão ainda reviver a Primavera Prosepe e os Torneios na cassete de video distribuída, bem como criar um ambiente de descontração em alguns dos momentos passados na escola com as melodias do CD - *Bom Dia Floresta*.

Finalmente os Clubes da Floresta receberam fitas de diferentes cores, correspondentes ao respectivo lema de cada ano de vida. Assim, a fita branca corresponde ao ano de 1993/94, com o lema *A Floresta é imprescindível à vida. Vamos todos defendê-la do fogo*; a fita amarela, para 1994/95, a laranja para 1995/96 e a vermelha para 1996/97, tendo como lema destes três anos: *Escola Sensibilizada é Floresta Protegida*. O ano de 1997/98 tem fita de cor azul e o presente ano lectivo cor castanha, ambos com o lema *A Floresta não tem olhos, vamos olhar por ela*.

Como tem acontecido com o restante material oferecido, este é propriedade exclusiva do respectivo Clube da Floresta.



ESCOLA Viva

Mais um ano a olhar pela Floresta

No presente ano lectivo, o PROSEPE pretende realçar os aspectos económicos da floresta, sob a égide **Florestas: do artesanato à indústria**.

Propomos que os Clubes da Floresta desenvolvam um trabalho de pesquisa relativo ao tema aglutinador e, incentiva-se o contacto com actividades locais, de carácter artesanal ou industrial, relacionadas com o aproveitamento de materiais existentes na floresta. Caso prefiram, os Clubes podem elaborar uma monografia dos percursos pedestres devidamente identificados em mapas de 1/25 000 e nele assinalando todos os pontos de interesse.

Não esqueças de dinamizar o Parque Prosepe Floresta Viva, onde poderás arborizar ou proceder à recuperação da área florestal.

Como é interessante semear, acompanhar o crescimento das plantas, identificar as diferentes espécies, colocar ninhos e comedouros, etc... E tu, não queres experimentar?...

Mas se preferires podes colaborar com o Instituto de Conservação da Natureza ou com a Direcção de Serviços das Florestas das Direcções Regionais de Agricultura, a fim de participares na manutenção ou reabilitação de áreas naturais, mais especificamente em espaços florestais.

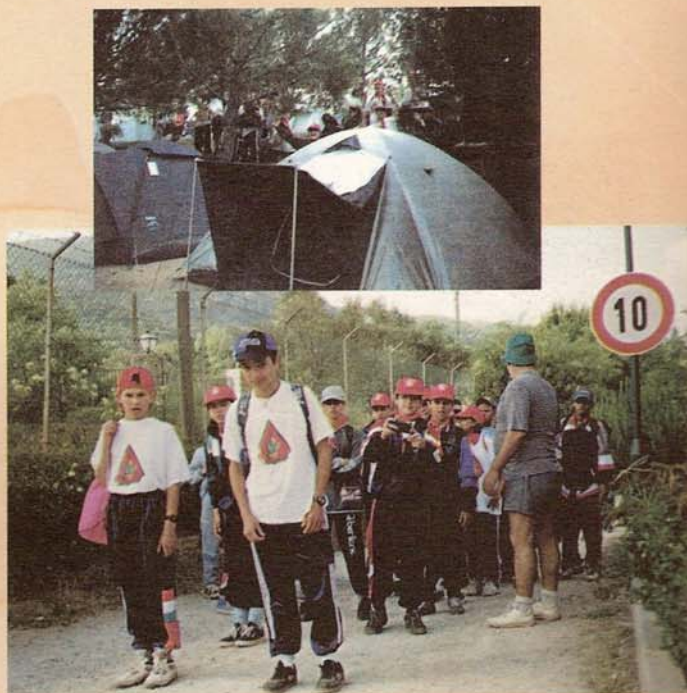
Se assim o entenderem, em vez da monografia os Clubes da Floresta podem desenvolver trabalhos a três dimensões de pequenas peças de artesanato regional, utilizando materiais existentes na floresta.

Para além do trabalho de projecto, é ainda obrigatório, que os alunos participem na Primavera Prosepe Floresta Viva - Encontro Nacional dos Prosepe Clubes da Floresta, a realizar a 23 de Abril de 1999.

É ainda de realçar, a obrigatoriedade de organizar a Semana Prosepe Floresta Viva, onde deverá haver espaço para a promoção de campanhas específicas de sensibilização da população local.

Geminação aproxima interior do litoral

Os Clubes da Floresta **Ouriço Picoletas**, da Escola Preparatória de Figueiró dos Vinhos, e **Os Sapinhos**, da Escola Preparatória D. Luis de Mendonça Furtado do Barreiro, assinaram um acordo de geminação durante um acampamento realizado no parque de campismo de Picheleiros, em Azeitão.



Os **Ouriço Picoletas** e os **Sapinhos** decidiram realizar um verdadeiro intercâmbio e troca de conhecimentos entre si, tendo esta valorização colectiva sido oficializada com a assinatura do acordo de geminação, que passamos a transcrever:



Acordo de geminação

entre

Escola Preparatória de Figueiró dos Vinhos, através do Prosepe Clube da Floresta **Ouriço Picoletas**, sita na Avenida José Malhoa, 3260 Figueiró dos Vinhos e que adiante será designada como 1ª Outorgante;

e

Escola Preparatória D. Luis de Mendonça Furtado, através do Prosepe Clube da Floresta **Sapinhos**, sita na Rua Professor Egas Moniz - 2830 Barreiro e que adiante será designada como 2ª Outorgante;

e que se regerá pelas cláusulas seguintes:

1ª

O presente Acordo de Geminação — e que doravante será apenas designado como Acordo — tem por objectivo o fomento da aprendizagem dos alunos, nomeadamente, nas seguintes vertentes:

- a) Conhecimento das realidades litorais e interiores;
- b) Estudo e compreensão das assimetrias entre ambas as regiões;
- c) Iniciação à prática da intercooperação escolar;
- d) Fomento das relações de amizade entre ambas as escolas outorgantes.

§ único: O presente Acordo é considerado como corolário do estudo desenvolvido no Prosepe Clube da Floresta **Ouriço Picoletas** e na Área-Escola que tem como tema "O Interior e o Litoral da minha janela".

No âmbito desta geminação, os elementos dos dois Clubes da Floresta ficaram a conhecer o Parque Natural da Arrábida e a floresta do concelho de Figueiró dos Vinhos.



Primeiro os **Sapinhos** prepararam um acampamento escolar no Parque de campismo dos Picheleiros durante 4 dias e convidaram os **Ouriço Picoletas**. Do programa recheado de actividades,

contemplando desde limpeza, manutenção do acampamento até às recreativas, há a destacar, logo no primeiro dia, o passeio nocturno nas proximidades do parque para observação dos astros; a aquisição de formas de orientação nocturna; a reflexão sobre o silêncio e os ruídos da noite no campo e, a criação de histórias do imaginário.

No segundo dia realizaram uma travessia pedestre na Serra da Arrábida com início no parque de campismo, passagem pela Ermida de Nossa Senhora de El Carmen, pelo Convento da Arrábida e final na praia do Portinho da Arrábida. Nos diferentes pontos de passagem tiveram reabastecimento de alimentos e água e, na praia, disfrutaram de diversas actividades, nomeadamente, visita ao Museu Oceanográfico (Forte de Nª Senhora da Arrábida), simulação de salvamentos, passeio de barco, vela, remo e canoagem.

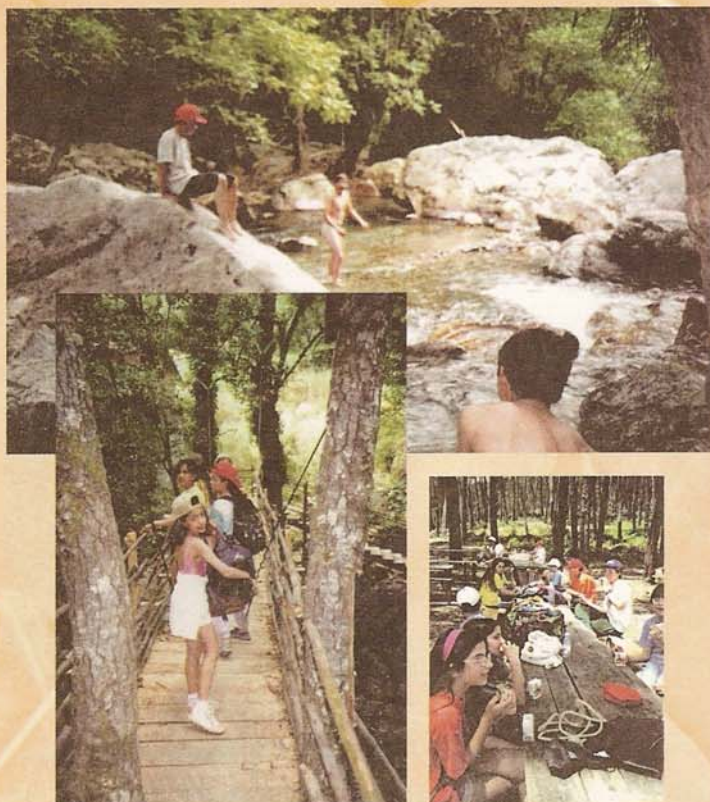


O terceiro dia foi, essencialmente, preenchido por um jogo de Caça ao Tesouro, contemplando exercícios de orientação, com pistas devidamente sinalizadas e recurso a cartas topográficas.

No quarto dia ocorreram actividades lúdicas, caminhada pelo Parque Natural e o preenchimento de uma ficha de avaliação relativo ao trabalho desenvolvido durante o acampamento.

Depois deste acampamento foi a vez dos **Ouriço Picoletas** receberem os **Sapinhos**. Do programa constava teatro; participação no arraial da escola; visita a uma feira de artesanato; actividades lúdicas; realização de um percurso pedestre desde o Poeiro até à Foz d'Alge; visita ao concelho em autocarro pelo Casalinho de Santana, Ribeira do Brás, Lameirão, Arega, Cabeças, Sigoeira e Fragas de S. Simão. Aqui, os alunos puderam-se deliciar com um banho na Ribeira d'Alge, o qual propiciou um verdadeiro convívio.





Portanto as actividades desenvolvidas pelos dois Clubes tiveram como principais objectivos, a promoção do intercâmbio entre alunos e professores de duas escolas, com realidades sociais e culturais diferentes, e o conhecimento de características naturais dos meios onde as duas escolas estão inseridas.

Julgamos que esta geminação poderá constituir um exemplo a seguir por outros Clubes da Rede Prosepe Floresta Viva.

acordar com o chilrear de pássaros, cozinhar numa fogueira própria, ou seja, viver em perfeita harmonia com a natureza, foi o que fizeram 30 alunos e 2 professores durante três dias.

O local escolhido foi mais uma vez o Parque de campismo de Penamacor bem juntinho à Ribeira da Bazágueda, pois reúne óptimas condições para passar uns dias bem inesquecíveis.

Foram três dias bastante preenchidos com um convívio, de interajuda e muitas novidades. Desde escolher o local para acampar, montar a tenda, caminhar sob um céu completamente estrelado, ver o nascer do dia, cobras, rãs, sapos e águias.

Cantar à volta de uma fogueira, arranjar madeira para acender as fogueiras para cozinhar, preparar as refeições, jogar à bola, nadar e sobretudo conviver com amigos.

No balanço desta actividade, podemos afirmar que os objectivos foram amplamente alcançados. Além de nos ter permitido conhecer uma região, desenvolveu sem qualquer dúvida a força de vontade, o espírito de solidariedade e responsabilidade, fortaleceu laços de amizade, pois nela se aprendeu que fazemos parte de uma sociedade em que *"tanto precisamos de uma mão para subir um penhasco como temos que ser o incentivo para alguém que esteja demasiado cansado"*.

Aqui está um testemunho de como actividades de complemento curricular se podem desenvolver para além do período lectivo e contribuem para o fortalecimento do espírito de coesão e de grupo.

O "Floresta em Família" foi acampar

O Clube "Floresta em Família" da Escola Secundária nº 3 da Covilhã realizou nos dias 26, 27 e 28 de Junho, um acampamento de final de ano, no Parque de Campismo do Freixial - Penamacor.

O professor aderente Albano Costa adiantou-nos que esta actividade que envolveu os Clubes de Ecologia/Montanhismo e "Floresta em Família", mais precisamente a 30 alunos aderentes em colaboração com a professora de Educação Física, Dina Rodrigues, contou com os apoios do Projecto de Sensibilização da População Escolar (Prosepe), do Projecto de Educação para a Saúde (PES), da própria Escola e da Câmara Municipal de Penamacor.

Acampar sob as estrelas, cantar à volta de uma fogueira, caminhar de noite, ver "estrelas cadentes",



Prosepe mania

Como é do conhecimento de todos, os membros dos diversos Clubes da Floresta devem procurar diversificar as suas fontes de receita, por forma a poderem executar os seus planos de actividade. Assim, O Prosepe põe à disposição dos Clubes os seguintes produtos; pelos preços indicados mais gastos de envio.

- Caderno do Vigilante da Floresta 250\$00
- Jogo "Vamos Olhar por Ela" 500\$00
- Mochila (vazia) 1.000\$00
- Mochila completa (contendo uma bússola, um saco peitoral, uma lupa, uma lanterna, um canivete multiusos, um par de luvas de trabalho, um estojo de Primeiros Socorros e um frasco de cultura de 50 ml) 3.500\$00
- CD - Bom Dia Floresta 1.000\$00
- Caneta ecológica Prosepe 200\$00
- Porta-chaves Prosepe 100\$00
- Livro dos Clubes da Floresta 1997/98.... 5.000\$00



Para além disso, durante o final do mês de Novembro e Dezembro recolheram os mais variados materiais na floresta e objectos de uso diário que se destinavam ao lixo e construíram arranjos natalícios, postais e outros objectos com os quais realizaram uma exposição e venda como forma de angariar fundos para o Clube. Deste modo, alertaram a população escolar para o facto de igualmente numa quadra vulgarmente conhecida como consumista, se puder preservar a floresta.

Ficou, ainda a cargo do Clube a realização da Árvore de Natal.



O Clube da Floresta **Castanea Sativa**, da Escola C+S de Sernancelhe, optou pelo postal ilustrado, mais precisamente pelo cartão de Boas Festas, como forma de transmissão da sua mensagem ao maior número de pessoas.

A época natalícia é, já por si, uma época de compreensão, solidariedade e de contemplação do belo. Assim, estes membros do clube consideraram o momento adequado para alertar as pessoas, para o facto da beleza de uma floresta se poder transformar no pesadelo de uma zona ardida.

Portanto, criaram duas colecções de quatro postais cada uma e, procederam à sua edição e venda com vista à angariação de fundos a favor do Clube.



Dar voz aos leitores

Natal, quadra privilegiada para a sensibilização...

Os Nuvens Verdes (20₂), Clube da Floresta da Escola Básica 2/3 do Caramulo sensibilizaram a população local, para a necessidade de preservar o azevinho, espécie protegida, especialmente durante a época natalícia.

Por outro lado, o Clube da Floresta **D. Bolota**, da Escola Básica 2/3 Dr. Correia Alexandre, do distrito de Leiria, reciclaram papel e com a pasta obtida realizaram uns originais, belos e criativos cartões de Boas Festas conforme podemos constatar nas figuras.



Em Dezembro do ano passado, o **Clube da Floresta** da Escola Básica 2/3 Moisés Alves de Pinho dinamizaram uma exposição subordinada ao tema "Azevinho - uma espécie a preservar" com a finalidade de alertar a comunidade escolar para a necessidade de proteger esta espécie. Esta continha informação detalhada sobre o azevinho e procederam ainda à distribuição de um desdobrável informativo pela comunidade escolar.

Também os **Musaranhos de Brandão**, Clube da Floresta da Escola Básica 2/3 de Paços de Brandão desenvolveram na comunidade escolar uma campanha de sensibilização para a protecção do azevinho e do pinheiro. Assim, elaboraram uma série de cartazes alusivos e colocaram-nos em locais bastante frequentados.

Estes constituem alguns testemunhos de actividades desenvolvidas pelos Clubes da Floresta durante a quadra natalícia e que, na nossa opinião vão de encontro aos objectivos do Prosepe, sendo de destacar o seguinte:

"despertar nos jovens em idade escolar valores, princípios e atitudes comportamentais que conduzam à preservação e defesa da floresta".

Gesto singelo, mas profundo

Os **Sapinhos** da Escola Básica 2 Mendonça Furtado, do Barreiro fizeram um juramento solene no acto de plantação do pinheiro, que aqui transcrevemos:

"Oh árvore, doce árvore, eu juro proteger-te, acompanhar-te e amar-te, querida árvore".

Procura fazer disto um lema sempre que encontres uma árvore, mesmo que não a tenhas plantado.



As sensações perante um fogo na floresta

Os **Raposinhos da Arrábida** da Escola Básica 2/3 de Azeitão, alertaram para as sensações perante o fogo na floresta.

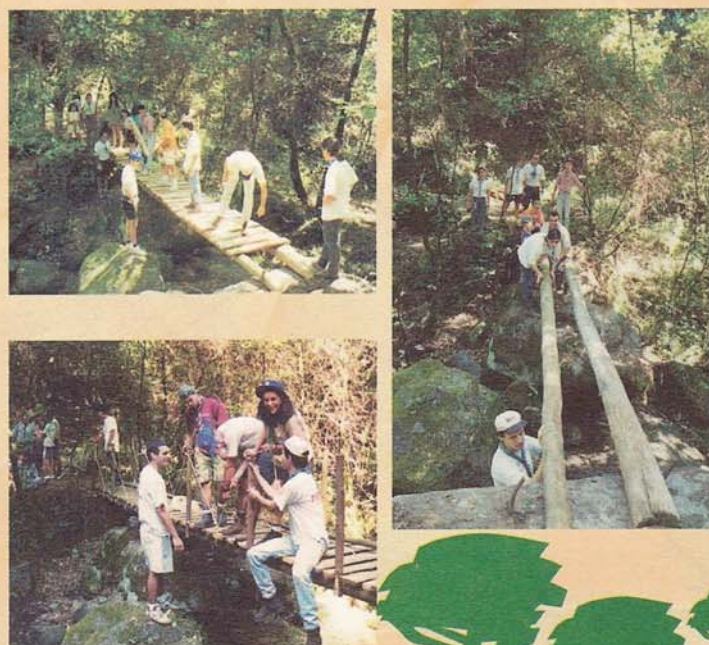
Lê, com atenção, todas as mensagens contidas no placard e tenta interiorizar essas sensações apresentadas.

De certo concordas, embora bastante arrepiado e angustiado, que não há palavras que traduzam as reais sensações dos diferentes seres vivos que integram a floresta, no momento do fogo florestal.



Os Bolota e a reconstrução em Cete

O Clube da Floresta **Bolota**, do agrupamento 470 Cete do CNE procedeu à reconstrução de uma ponte de passagem, a partir de uma fotografia, durante os meses de Verão. É mais uma acção positiva a registar, em prol da preservação de um espaço florestal, pois permite melhorar a fruição daquele espaço.



A floresta e os transportes aquáticos

A Floresta Portuguesa até aos Descobrimentos

Os Estrelas da Ecologia, Clube da Floresta da Escola Básica 2/3 de Anadia recuaram até à fundação do Reino de Portugal para averiguarem alguns elementos relativos à floresta portuguesa. Estes tiveram ainda a preocupação de pesquisarem sobre as principais espécies florestais utilizadas na construção naval.

Quando da fundação do Reino de Portugal (1143), as florestas e os matagais ainda cobriam uma boa parte do território, apesar das constantes lutas entre cristãos e muçulmanos.

Durante a formação de Portugal a vasta área a sul do Tejo, continuou a sofrer as consequências das lutas, que aí se iam travando entre portugueses e mouros, com grave prejuízo para os arvoredos, que ocupavam uma grande extensão do território.

Os prejuízos sofridos e a necessidade de defender um património tão importante para a vida dos povos, leva a que, em 1282, seja publicado um documento, que tinha como preocupação principal, a defesa da caça grossa e da vegetação florestal do Reino.

Quando se iniciou o período dos Descobrimentos, com a tomada de Ceuta em 1415, cada vez mais se foi acentuando a necessidade de madeira para a construção naval, nomeadamente nos séculos XV e XVI. Por isso, não é de estranhar, que a política florestal portuguesa tenha evoluído, no sentido da produção lenhosa.

No século XVI e, como consequência da manifesta falta de madeiras próprias para a construção naval, em especial do sobreiro e do pinheiro manso, a preocupação pelo repovoamento acentuou-se. Daí o início de uma nova política visando, essencialmente, a defesa do património florestal do Estado. Foram decretadas leis gerais, como a Lei das árvores (1565), que incentivaram o cultivo de pinhais e matas de castanheiros e carvalhos.

Relativamente às principais espécies florestais utilizadas na construção naval, **Os Estrelas da Ecologia** apuraram que para a construção das caravelas, das naus e de tantos outros barcos da época dos Descobrimentos foram utilizados sobretudo carvalhos, mas também pinheiros, castanheiros e sobreiros.

Para além destas espécies, não nos podemos esquecer, que para a construção dos barcos eram necessários abetos para os mastros e para as vergas, ulmeiros para as roldanas e para as carretas dos canhões, faias para os remos, buxos para os eixos das roldanas, nogueiras e choupos para as esculturas e outras decorações.



Clube da Floresta da EB 2/3 Silvares - Fundão



Clube da Floresta "Estrelas da Ecologia" - EB 2/3 de Anadia



Clube da Floresta da Escola Sec. de Mação



Clube da Floresta "Balluta Radical" Escola Prep. de Vouzela



Clube da Floresta da Escola Sec. de Tondela



Clube da Floresta "Os Curtiçolas" - EB 2/3 de Proença-Nova

Gastava-se tanta madeira na construção naval que, por exemplo, uma grande potência marítima como a Inglaterra, no século XVIII, deixou quase de possuir florestas no seu território, tendo então que recorrer às suas colónias e a países estrangeiros para se abastecer de madeiras.

Portugal, também foi uma das grandes potências onde se fez sentir a falta de madeira, sendo obrigado a recorrer às madeiras da Índia para a construção naval.

A construção de um navio durava vários meses. Uma vez colocada a quilha, começava-se pela montagem da roda, da proa e da popa.

Seguiam-se os outros elementos do madeiramento que compunham o esqueleto da construção que era coberto pelo forro do navio, sendo as pontes e respectivos equipamentos feitos ao mesmo tempo.

Depois de terem obtido estes conhecimentos que aqui pretenderam convosco partilhar, **Os Estrelas da Ecologia** concluíram que *A Floresta Portuguesa foi um dos factores responsáveis pelo período áureo dos Descobrimentos*.

O Pinhal de Leiria e a Construção Naval Portuguesa

O Clube da Floresta **Alerta Verde** da Escola Básica Integrada 1, 2, 3 de Santa Catarina tentou aprofundar os seus conhecimentos relativos à contribuição do Pinhal de Leiria na construção naval portuguesa.

Desde os tempos pré-históricos que o Homem descobriu que os troncos de árvores flutuavam sobre a água e, que talvez estes pudessem servir de meio de transporte. Depois da união de dois troncos ou da construção de pirogas (aprofundamento de uma parte do tronco) os transportes aquáticos foram evoluindo até serem como os conhecemos hoje.

Desde os seus contactos com os árabes, que os portugueses foram adquirindo conhecimentos técnicos importantes para a navegação, como por exemplo, a bússola magnética. O desenvolvimento das técnicas de construção naval e de navegação levaram à construção dos mais conhecidos navios portugueses: a caravela e a nau.



Foi também através de constantes contactos com a gente do mar e através da experiência, que os portugueses obtiveram muitos conhecimentos.

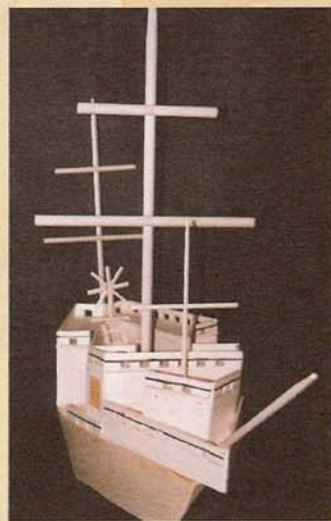
Para além disso, Portugal tinha uma longa costa marítima onde se poderiam fazer estaleiros navais e tinha a matéria-prima para a construção das embarcações: a madeira. Sabemos que a maior parte da madeira para tal fim era cortada numa vasta zona do pinhal: o Pinhal de Leiria.



Clube da Floresta da Escola Sec. de Pombal



Clube da Floresta "Palmões do Mundo", EB 2/3 do Viso.



Clube da Floresta da Escola Sec. de Tábua

Actualmente a Mata Nacional de Leiria ocupa uma área de 11 029ha ao longo da costa atlântica. A origem do pinhal de Leiria poderá remontar a tempos anteriores a D. Dinis, embora o nome deste rei esteja ligado ao Pinhal, porque foi ele quem ordenou grandes plantações de pinheiro bravo e estabeleceu as primeiras normas para o ordenamento e gestão das matas.

Os reis que se seguiram a D. Dinis tiveram a preocupação de proteger esta zona, devido à importância das madeiras na construção dos navios portugueses.

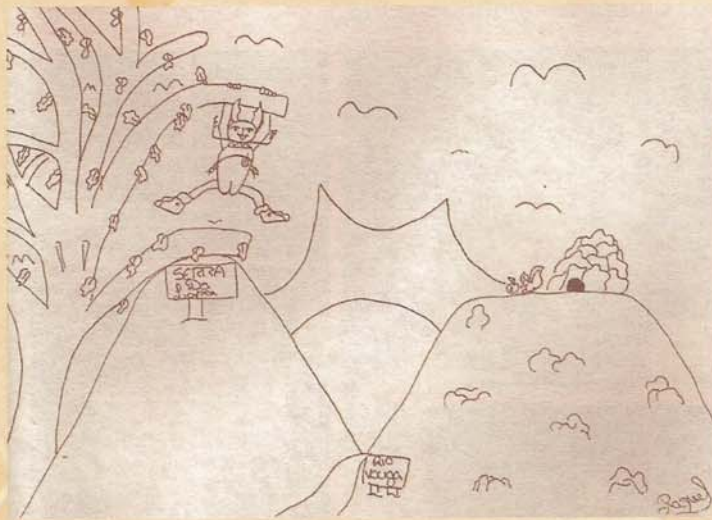
As Aventuras da Carocha, no século XV

O Clube da Floresta os Carochas, da Escola Básica 1/2 de Marzovelos, do distrito de Viseu, homenageou os Portugueses, dos séculos XV e XVI que viajaram por mares perigosos e traiçoeiros à descoberta de "novos mundos" contando a epopeia numa história de aventura.

A Carocha, através de uma "máquina do tempo" recuou 500 anos e viveu uma autêntica aventura com a armada de Vasco da Gama.



Estava a **Carocha** bem protegida no casco de um carvalho, na Serra da Lapa, atenta aos malfeitores da Floresta, quando tomou conhecimento de que o grande sonho de D. João II, se ia realizar ... a descoberta do caminho marítimo para a Índia.



Imaginem o quanto a **Carocha** ficou contente... Saltou, pulou, gritou tanto, que até caiu do seu raminho preferido.

Ficar à espera do resultado da viagem? Não é Carocha para isso! Preparar a trouxa e rumo ao Restelo.

Restelo? Sim, o famoso cais de Lisboa, que já tinha assistido a muitas partidas e regressos de navegadores portugueses.

E, como lá chegar?

No seu barquinho de madeira, lá vai ela Vouga abaixo.



Mas, não consegue ir directa! Vai até Aveiro e parte, com os pescadores da região que navegam no Oceano Atlântico, na direcção sul, até ao local de partida da grande armada.

No meio de tanta gente, a sua atrapalhão foi muita... Mas, lá conseguiu chegar ao grande capitão Vasco da Gama.



Achou tanta piada àquela **Carocha** tão corajosa, que lhe pediu para fazer a viagem junto dele.

A Carocha, claro, não hesitou!...

Local de partida - Restelo (Lisboa)

Dia de partida - 8 de Julho de 1497

Sempre junto a Vasco da Gama, a **Carocha** instalou-se na Nau de S. Gabriel.



A multidão despedia-se esperançada. Porém, entre ela, estava um velho... o "Velho do Restelo", sempre pessimista... Temeria uma tragédia? Estaria o povo português a sonhar alto demais?!...

Nenhum dos tripulantes tinha medo! Eram jovens aventureiros!



Chegaram às Canárias a 15 de Julho. Até aqui, sete dias de viagem. Não podiam ficar muito tempo...

FLORESTA AMIGA, 1999

Osebaifromdes 1998

*I NOC POK MIC NOK?

*Estamos a chegar ao nosso destino - eis o planeta Terra. Iniciar aproximação, agora.

*UKMI POK TOKMI IK TUC NOCI

*Preparar entrada na atmosfera. Estás com sorte - a leitura indica oxigénio à superfície.

POK IK MOC LOKMI TUC NIK?

*Não esqueças o filtro solar. E lembra-te: o nomera é a nossa única prova.

*UKTI LOK SMOCI

*IK NOCTI LUX?

*Iniciar largada da cápsula. Que a luz esteja contigo e te afaste sempre do perigo.





NADA TEMAM. EU SOU O KESTÃO. VENHO DO PLANETA TOKA NUMA EXPEDIÇÃO CIENTÍFICA CHEFIADA PELO GRANDE KESTIONÁRIO II.

ISTO MAIS PARECE FICÇÃO CIENTÍFICA!

É A REPUTAÇÃO DE UM TOKANO QUE ESTÁ EM CAUSA! PRECISO DE VÓS QUESTIONAR SOBRE O NOSSO MÉRITO, O OBJECTO QUE VAI E VOLTA.



MUITOS ANOS-LUZ ANTES DE MIM, UM ASTRONAUTA TOKANO VIAJOU ATÉ À TERRA. NINGUÉM SE AVENTURARA TÃO LONGE, ERA UMA VIAGEM IMPOSSÍVEL!



OS CONTACTOS COM OS TERRÁQUEOS FORAM AMISTOSOS E SEGUNDO O QUE SE CONTA, NO MOMENTO DO RETORNO TROCARAM-SE PRESENTES.

EM TOKA O ASTRONAUTA FOI RECEBIDO COMO UM HERÓI. PORÉM, À MEDIDA QUE AS HISTÓRIAS SOBRE O PLANETA AZUL SE TORNAVAM CONHECIDAS A AGITAÇÃO INSTALAVA-SE ENTRE OS PACATOS TOKANOS.



ELE DIZ QUE TEM IMAGINAÇÃO! ATÉ FAZEM OBJECTOS A PARTIR DE MATERIAIS INFORMES!

SÃO SERES MUITO HABÉIS: SABEM USAR AS MÃOS PARA FAZER COISAS!

É UM MUNDO NOVO, LUMINOSO E NATURAL!

EM TOKA TODOS OS DESTINOS PERTENCEM AO GRANDE GOVERNADOR. A VONTADE DE CADA TOKANO É A VONTADE DE TODOS OS TOKANOS PORQUE TODOS TÊM O MESMO DESTINO. A VONTADE COMUM É A ENERGIA QUE MANTÉM O NOSSO MUNDO UNIDO E SUBITAMENTE ELA PARECIA ESTAR AMEAÇADA!



E EU PERGUNTO: PORQUE HAVEMOS DE FICAR NESTE PLANETA TÃO GELADO E ESCURO?

PORQUÊ? PORQUE ESSE É O NOSSO DESTINO!

MAS EU QUERO APRENDER A USAR AS MÃOS! FAZER TUDO COM ENERGIA MENTAL É TÃO MONÓTONO...

ENTÃO O GRANDE GOVERNADOR CONVOCOU O GRANDE KESTIONÁRIO I E OS DOIS PLANEARAM AGIR PARA DESACREDITAR O ASTRONAUTA AGITADOR E SERENAR A REVOLTA CONTRA A VONTADE COMUM.

FAREI CONSTATAR QUETEM O MAL DOS VIÁJANTES E QUE TUDO NÃO PASSOU DE UMA GRANDE ALUCINAÇÃO.

SIM! E DEPOIS DE QUESTIONADO, A VONTADE COMUM HÁ-DE CONDENÁ-LO À ESCURIDÃO ETERNA. VOU MANDAR RECOLHER E DESTRUIR TODAS AS PROVAS!

MAS UM OBJECTO ESCAPOU À DESTRUIÇÃO - O NOMERA. QUANDO KESTIONÁRIO II INAUGUROU UM NOVO CICLO FOI QUANTO BASTOU PARA INICIAR A PROCURA DA VERDADE MESMO À REVELIA DO GOVERNADOR! POR ISSO, TERRÁQUEAS, AQUI ESTOU...

UM MOMENTO! NÓS NÃO SOMOS TERRÁQUEAS APESAR DE TERMOS OS PÉS BEM ENFIADOS NA BOA TERRA!

POIS! FAZEMOS PARTE DO REINO VEGETAL DO PLANETA! MAS A ESPÉCIE DOMINANTE É O HOMEM.

O HOMEM?!

SIM, NÓS SOMOS ÁRVORES. OS HOMENS, DIZ-SE, É QUE SÃO A ESPÉCIE INTELIGENTE.

SE ALGUÉM TEM AS RESPOSTAS QUE PROCURAS SOBRE ESSE ESTRANHO OBJECTO QUE VAI E VOLTA SÃO ELES.

OLHA! VEM ALI UM!

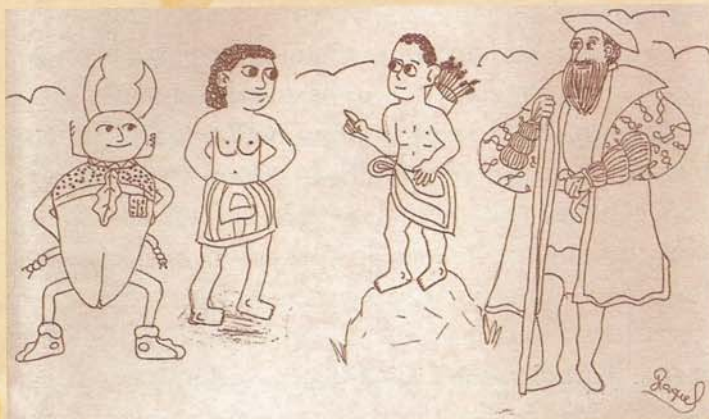
HOMEM! HOMEM! DIZ-ME TUDO O QUE SABES SOBRE O NOMERA! PARA QUE SERVE? E DE QUE MATÉRIA É FEITO?

AMIGO EXTRATERRESTRE: AGORA NÃO QUE ESTOU DE FÉRIAS. TALVEZ NO PRÓXIMO EPISÓDIO...

FÉRIAS?! O QUE SÃO FÉRIAS?! ESPERA!! HOMEM! HOMEM!

CONT.

Continuaram até chegarem a Cabo Verde, a 23 de Julho. Aqui os tripulantes descansaram, abasteceram-se de carne, água e lenha e conviveram, amigavelmente, com os negros africanos. Sem qualquer tipo de racismo...



A paragem foi curta, mas ainda deu tempo para a **Carocha** apreciar as frondosas palmeiras tropicais das florestas africanas!

A partir daqui, os perigos iam aumentar. As correntes marítimas eram mais fortes.

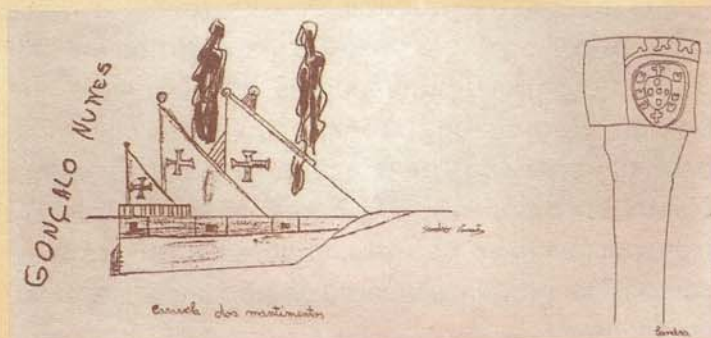


Uma verga da Nau S. Gabriel partiu. Vasco da Gama tomou medidas rápidas e, lá, conseguiram ultrapassar as dificuldades.

7 de Novembro - Baía de Santa Helena
Lançadas as âncoras, descansaram em terra.

Já no Oceano Índico, precisaram de destruir a Caravela dos Mantimentos. Os homens iam morrendo, com o escorbuto, e a caravela só causava problemas!...

Em Angra de S. Brás colocaram um padrão.



Para quê? Para marcar a presença portuguesa na região, claro!

Os Portugueses precisavam de informações. Em Melide, Vasco da Gama foi recebido pelo Rei. Este ofereceu carneiros, cravo, canela, pimenta... e ali passaram a Páscoa. Rezaram missa pelos que haviam morrido na viagem.

A **Carocha**, já cansada, inquietou-se:

- Então, quando chegamos à Índia?

- Agora, toda a cautela é pouca! Os Mouros controlam toda a navegação desta região do Índico! - respondeu, silenciosamente, o comandante Vasco da Gama.

Com a ajuda de um piloto, chegaram às costas da Índia, à cidade de Calecute, a 20 de Maio de 1498.



Então Vasco da Gama travou conhecimento com o Samorim e com comerciantes, a **Carocha** conheceu o cânhamo, que abundava nas zonas florestadas.

Soube que as fibras, daquela árvore, se utilizavam no fabrico de tecidos grosseiros e cordoaria; as suas sementes — com 20 - 25% de óleo — eram usadas para alimento de pássaros e fabrico de sabões.

A **Carocha** arranjou alguns amigos indianos, mas não esqueceu o seu "habitat" natural... o tronco dos carvalhos!



Nos longos serões, que passaram juntos, a **Carocha** contava:

Habito nos cascos dos carvalhos das florestas da Beira Alta. Nos últimos tempos, a minha família corre o risco de se extinguir. Há porém, sempre alguém que se lembra de nós. Uns jovens, da Escola EB 1,2 de Marzovelos - Viseu, aderiram a um Clube e eu fui a sua mascote. Sabeis porquê? Porque pretendem plantar carvalhos na zona envolvente da Escola, de forma a protegerem todas as famílias das Carochas. Pessoas amigas estas, não acham? Já sinto saudades delas...

A partida foi mais rápida do que esperava.

Os Portugueses não foram bem vistos pelos comerciantes indianos, que se sentiram ameaçados com a presença de pessoas estranhas.

A **Carocha** entristeceu. Estava a aprender coisas novas, com gentes diferentes...



Agora, já na sua terra beirã, relata com entusiasmo a sua aventura do século XV...

Os Suber Strix e o Sorraia

O Clube da Floresta **Suber Strix**, da Escola Básica 2/3 de Coruche decidiu pesquisar sobre a navegabilidade do rio Sorraia, afluente da margem esquerda do rio Tejo e corresponde à junção das ribeiras de Sôr e Raia que se reúnem no concelho de Coruche.

Segundo conseguiram apurar, teve o Sorraia muita importância para a Vila e para o concelho de Coruche até ao princípio dos anos vinte, atingindo o auge nos fins do século passado.

Em 1904 foi construída uma ponte metálica que atravessa o rio, o que tornou a navegação praticamente impossível para os barcos de mastreação alta. Houve também assoreamento do rio, facto igualmente nefasto para a navegação daqueles barcos.

A última barça que subiu o rio Sorraia foi em 1921, até princípio dos anos trinta as suas águas tinham um bom caudal e eram profundas. Os barcos traziam muitas mercadorias de Lisboa como barricas com cimento, sal a granel, tecidos, balotes de papel, ... para o comércio local. No retorno levavam cereais, legumes, cortiça, todos os produtos da terra. Os barcos pequenos subiam o rio até ao Couço e Santa Justa. No porto de João Ferreira faziam-se algumas reparações, assim como construções de pequenos barcos ou botes para a pesca no rio Sorraia.



A corrente do rio também era aproveitada pelos madeireiros do Couço e Santa Justa que enviavam pelo rio abaixo, os toros de madeira acompanhados por homens transportados em jangadas até ao porto de João Ferreira. Algum tempo mais tarde, com a construção de novas estradas, do caminho de ferro e com o desenvolvimento dos transportes motorizados, o rio entrou em declínio como via de comunicação.



Até à construção das pontes ferroviárias e rodoviárias, a travessia do rio não era fácil e, por ocasião das grandes inundações, esta era efectuada por uma barça que transportava mercadorias, animais e, pessoas de uma margem para a outra. Nesta barça, um pouco antes do nascer do sol transportavam-se os trabalhadores rurais para os campos da margem esquerda do rio, sendo o regresso ao pôr-do-sol.



Até meados dos anos trinta, era costume transportarem da margem esquerda para a direita touros ou bois amarrados na barca, destinados ao matadouro da vila.

Nos primeiros anos deste século, as tropas vindas de Santarém, Torres-Novas ou outras localidades, faziam a travessia pelo rio Sorraia.

Por vezes, as barcas eram puxadas por juntas de bois. Atravessavam o rio a vau e, nalgumas ocasiões eram puxadas à sirga junto à margem.

A Barca Serrana

Os **Sentinelas da Floresta**, Clube da Floresta da Escola Básica 2/3 da Pedrulha aprofundaram os seus conhecimentos relativamente à importância do Mondego e da Barca Serrana. Para além de terem constatado o papel que este rio desempenhou como principal alavanca entre o litoral e o interior, pesquisaram sobre a função, o percurso realizado, as características e as causas do desaparecimento da Barca Serrana.

Durante séculos o rio Mondego constituiu a principal via de comunicação facilitando quer o comércio de mercadorias nos mercados e feiras em torno de Coimbra, dos excedentes de produção dos lavradores mais abastados, quer assegurando o transporte das populações. Por outro lado, até ao início deste século, as populações ribeirinhas dedicaram-se à barcação e a actividades complementares ligadas ao rio.



Clube da Floresta da EB 2,3 de Penacova

Neste fulcral eixo fluvial, o Rio Mondego, navegaram diversos tipos de embarcações, porém a *barca serrana* (designação utilizada no litoral, já que no interior era vulgarmente conhecida por barca) foi o que ocupou um verdadeiro lugar de primazia e

destaque. Os outros tipos existentes eram o Barco do Lavrador, o Barco de Palheiros e a Jangada (esta era feita com troncos de pinheiro com aproximadamente 35 cm de diâmetro) e, a Barca de Passagem, utilizada essencialmente para a deslocação da população, sendo o seu movimento acrescido no Inverno em função das cheias. Todavia eram menos significativos devido, quer à sua capacidade de carga e de transporte, quer pelo número existente, à excepção do Barco do Lavrador.

Das informações recolhidas pelos **Sentinelas da Floresta** apuraram que a Barca Serrana realizava um longo percurso pelos diversos portos fluviais situados na margem do Rio Mondego, nomeadamente Coimbra, Torres do Mondego, Casal da Misarela, Foz do Caneiro, Rebordosa, Ronqueira, Carvoeira, Ponte de Penacova, Vila Nova, Raiva, Oliveira do Mondego, Almaca e Gondolim.

A partir de Coimbra em direcção à Foz do Mondego, na Figueira da Foz, as Barcas Serranas passavam pelas seguintes povoações: Cidreira, S. João do Campo, Zouparria, Quimbres, S. Silvestre, S. Martinho de Árvore, Tentúgal, Montemor, Quinhendros, Santa Eulália, Vila Verde e Tavadede.

Ao longo de todo o seu percurso, o porto fluvial com maior importância comercial é o Porto da Raiva, na Foz do Rio Alva. Este chegou a ser um dos maiores e mais importantes do país, até meados do século XIX e, até ao findar da navegação do Mondego, o mais importante ao longo deste rio.

Os **Sentinelas da Floresta** ficaram um pouco admirados por todo o percurso da Raiva à Figueira da Foz, ida e volta, demorar entre 3 e 4 dias, porém eram efectuadas paragens ao longo do rio, nas povoações, para desembarcarem os produtos, verificando-se que o da Raiva era o mais frequentado. Aqui fabricantes de tecidos, negociantes, recoveiros e estudantes, vindos das Beiras a cavalo, ou em carros de bois, tomavam o seu transporte em direcção a Coimbra. Ainda na Raiva existia um cais e uma construção destinada ao empilhamento de lenha e madeira para exportar, bem como armazéns de sal, vindo da Figueira da Foz, seguindo depois para outras localidades, incluindo povoações espanholas.

Da Raiva seguia o azeite com destino a Aveiro, Porto e Minho; o vinho para a Figueira da Foz, Lisboa e



França; os cereais, legumes e batatas para a cidade Coimbrã, a lenha, carqueja, carvão e madeira utilizadas na construção nesta Cidade; roupa das lavadeiras do Casal da Misarela e das Torres do Mondego para Coimbra e Figueira da Foz.

O espanto dos **Sentinelas da Floresta** chegou ao rubro quando descobriram que também durante o Verão, muitos veraneantes utilizavam este meio de transporte até às praias da Figueira da Foz e de Buarcos.

Por sua vez, no sentido contrário, Figueira-Coimbra, as Barcas transportavam o sal, o peixe seco ou salgado, o arroz, o vinho das Gândaras, a areia fina e adubos, bem como outras mercadorias que posteriormente seguiam de Coimbra para Penacova.

No século XX, já poucas eram as pessoas que se faziam transportar na Barca. Esta era, sobretudo, usada para o transporte de mercadorias, especialmente lenha, mato, carqueja e telha. Uma Barca de lenha correspondia a 150 centos de lenha seca, equivalente a uma carga de 12 a 15 toneladas de peso.



O interesse dos **Sentinelas da Floresta** por esta temática, levou-os a saber que a barca serrana, de origem mesopotâmica e da família dos moliceiros, se caracterizava pelos dois bicos em ponta levantada, pela existência de uma proeminente vela branca e, pelo seu comprimento, que rondava os 17 a 22 metros com cerca de 2 metros e meio de largura.

Os mestres que se dedicavam à construção e reparação destes barcos, conhecidos como carafetes, metiam mãos à obra nos seus toscos estaleiros ou normalmente num estaleiro improvisado próximo da habitação do interessado no barco. Deste modo, evitava-se o transporte da madeira para a construção, uma vez que esta era fornecida na sua totalidade pelo futuro proprietário.

Nestas condições, uma Barca Serrana levava cerca de 12 dias a construir, com quatro a cinco homens a ajudar, incluindo o interessado em adquiri-la. Tomando como termo de comparação o chamado Barco do Lavrador, com sete a oito metros de comprimento, demorando entre 10 a 12 dias a construir e, sem ajudantes.

Entre os pormenores indagados pelos **Sentinelas da Floresta** conta-se a duração e manutenção de uma barca serrana. Assim, verificaram que apesar de possuir uma duração de vida de cerca de dez a doze anos, a barca tinha de ser remendada anualmente com a ajuda de um maço e pez e estopa nas juntas. Os materiais mais utilizados na sua elaboração eram o pinho e o carvalho, este último nas "cavernas".

Outro aspecto aflorado pelos **Sentinelas da Floresta** prende-se com as causas do desaparecimento da Barca Serrana.

As razões do seu desaparecimento foram várias tendo ocorrido, sobretudo ao longo da década de 50. A utilização desta deixou de ser necessária e fundamental caindo no esquecimento das populações.

Uma das principais razões está relacionada com a abertura dos caminhos-de-ferro da Beira Alta, nos finais do século XIX. Como consequência, a barca deixou de ser útil, passando as mercadorias a utilizar aquele meio de transporte.

O melhoramento e a abertura de novas estradas e, o consequente aparecimento de serviços de camionagem, que passaram a efectuar o transporte de mercadorias das populações situadas entre a serra e o litoral, também contribuiu para a sua extinção.

Por outro lado, a construção da nova ponte sobre o Mondego provocou a alteração do leito do rio, tornando-o inadequado para a navegação, pois quando o nível das águas era elevado, a ponte impossibilitava a passagem dos barcos.

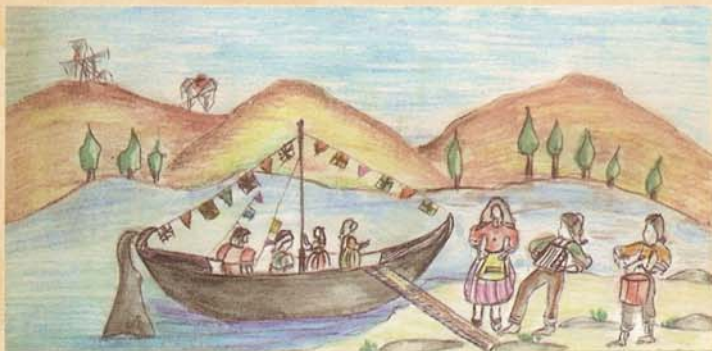
A sua verdadeira extinção ocorre com a construção da Barragem da Aguieira.

Actualmente, podemos encontrar um exemplar desta Barca, no átrio da Câmara Municipal de Penacova, com cerca de 7 a 8 metros e, outro, em melhor estado de conservação, no átrio do Museu da Marinha, em Belém, Lisboa.

O Barqueiro

O Clube da Floresta **O Corvo**, da Escola E.B. 2,3 de António José de Almeida de Penacova, indagou da indumentária do Barqueiro do Mondego, uma figura muito popular, que trabalhava de sol a sol e só folgava quando o vento lhe era favorável.

A sua indumentária consistia numa ceroula até ao joelho, em linho e, uma camisa do mesmo tecido. Este usava uma almofada ao peito para colocar a vara que fazia deslocar a barca, sob pressão. Na descida do rio, o barqueiro usava, quer uma camisola, quer meias grossas, confeccionadas com lã dos carneiros e ovelhas da região, por senhoras especializadas neste tipo de malha. Estes homens musculosos, fortes, de uma grande força atlética, quando podiam calçavam uns tamancos de coiro branco.



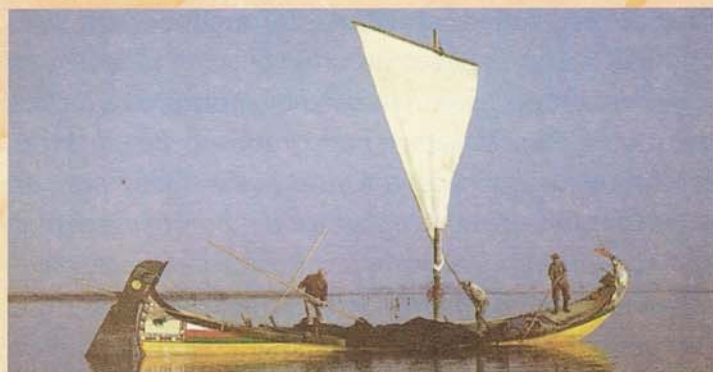
Clube da Floresta O Corvo - Escola E.B. 2,3 de António José de Almeida - Penacova

O rio Vouga ainda é um rio vivo

O Clube da Floresta **Os Texugos** da Escola Básica 2/3 de Oliveirinha, do distrito de Aveiro realizaram um pequeno estudo sobre o rio Vouga e a sua importância para a região.

Um dos aspectos que se debruçaram está relacionado com a embarcação mais característica do rio, ou seja, o moliceiro. Esta, ainda hoje, desempenha um importante papel no transporte ou na pesca e faz parte de um tipo de barcos da família das canoas de tábuas, dos mais antigos povos da História.

O moliceiro, considerado ex-libris da ria, é um barco muito elegante, com proa bicuda, sobreerguida e alegre decoração. Este, além de substituir na água o carro de bois na faina do moliço, tanto carrega plantas como a rocega, tendo ancinhos armados, um de cada lado.



Quando o rio era navegável num percurso mais longo que o actual, os barcos mercanteis transportavam pedra, junco, lenha, carqueja, cereais, peixe e sal. Hoje, apenas navegável de Eirol (local onde existia um importante cais de embarque e desembarque de mercadorias) até à Foz.

Os barcos são principalmente construídos de pinho, proveniente dos pinhais da região, por ser uma madeira bastante resistente na água, porém, nalguns casos utiliza-se a madeira de carvalho. Para isolarem e conservarem os barcos, usam alcatrão (breu) e sebo de carneiro.

Por outro lado, **Os Texugos** averiguaram que no rio são várias as espécies de peixe que se pescam, tais como, barbos, carpas, enguias, lagostins do rio, pimpões, etc. Infelizmente, o achegã, espécie muito apreciada é, hoje em dia, inexistente, provavelmente decorrente da poluição do rio existente até há algum tempo, proveniente das fábricas e do não tratamento dos esgotos.

Segundo informação prestada aos elementos do Clube da Floresta esta poluição no rio é, actualmente, bastante menor. Desta forma, **Os Texugos** chegaram à conclusão que ainda hoje, o Vouga é um rio vivo por representar um papel importante na vida económica e na cultura das pessoas da região.



A floresta e o artesanato

As Barcas do Tintim

Flávio Tintim está aposentado há cinco anos e, na oficina da sua casa, em Carregados, perde horas e horas de volta de pequenos pedaços de madeira que, com muita paciência e saber as transforma em genuínas peças de artesanato. Na sua oficina encontra a tranquilidade para, meticulosamente, fazer perfeitas miniaturas de barcas serranas, rodas, moinhos e até carros de bois. Foi, pois neste ambiente que os elementos do Clube da Floresta **O Corvo**, da Escola E.B. 2,3 de António José de Almeida de Penacova o entrevistaram e viram fazer as suas originais e únicas peças de arte.

"Tudo começou quando um dia olhei para os barcos que um senhor da Ponte, emigrado no Brasil, fazia. E, realmente apercebi-me que podia fazer melhor. A partir de várias fotografias de barcas serranas comecei a tentar fazer uma miniatura e progressivamente fui aperfeiçoando" - revelou Flávio Tintim, que nos tempos de miúdo recordou que ia para Vila Nova para ver como é que se faziam barcas. Com muita paciência, este artesão faz, com a sua mão, quase todos os elementos necessários para fazer as barcas ou outra peça qualquer. Para construir as barcas e as rodas de água, as madeiras mais solicitadas são a madeira de pinho, o contraplacado e o choupo, por serem mais facilmente moldáveis.



"O que leva mais tempo é montar o barco, as outras peças, as mais pequenas são feitas em série. Depois de ter realizado uma série de barcas, comecei a fazer rodas, moinhos e mais recentemente os carros de bois" - foram as palavras do artesão aos membros do **Corvo**.

Estes conseguiram ainda apurar que Flávio Tintim conta brevemente reproduzir em miniatura, o antigo Coreto de Penacova, estando apenas à espera que lhe enviem uma fotografia.

Foi com entusiasmo que os membros do **Corvo** ouviram com satisfação o artesão afirmar que, apesar de não morar num local central da vila, muitos turistas vêm até Carrazedos para lhe comprar barcas. Mais adiantou que gostava de ter uma loja de artesanato e para o efeito apresentou desde já um projecto na Câmara.

Penacova participa regularmente em vários certames espalhados pelo País e o artesanato representado no átrio do Município são quase sempre as barcas de Flávio Tintim, por merecerem sair de Penacova e viajar pelo País fora.

A paciência ainda compensa

Os Murteirinhas entrevistam um antigo marinheiro que após reforma antecipada se dedica à arte das miniaturas dentro das garrafas.

Samuel Lopes Corujo, artesão de Ílhavo viu-se obrigado a abandonar a sua vida de marinheiro após um enfarte de miocárdio.



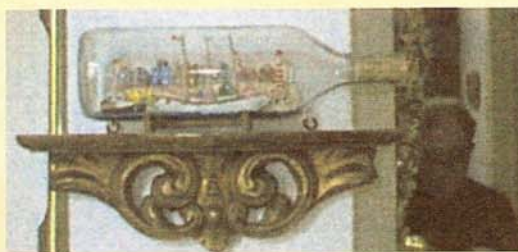
Este artesão quando trabalhava nas máquinas do navio já tinha muitas ferramentas e muito material, porém não dispunha de tempo para a sua arte. Foi então, que a sua reforma antecipada de marinheiro o obrigou a mudar de profissão e passou a colocar os barquinhos dentro das garrafas.



O pinho na construção de remos

Mas como é que Samuel Corujo faz as suas miniaturas?

Primeiro começa por as fazer cá fora, ou seja, os navios, as casinhas, os faróis, etc e, pinta tudo com as cores definitivas. Depois amassa um pouco de betume com tinta creme para imitar a areia da praia, coloca-o dentro da garrafa e cola nessa massa as casinhas. Quando todos estes elementos estiverem secos, amassa um pouco de betume com tinta azul para imitar o mar, coloca-o, também, no interior da garrafa, cola-lhe o navio já com os mastros, as velas e as linhas a imitar os cabos. Os mastros vão deitados, porque são móveis na base e presos na ponta com uma linha que chega até cá fora. Passado uma semana, puxa a linha que sai pelo gargalo e os mastros levantam-se. De seguida, cola a linha lá dentro ao mastro da proa e corta o bocado que já não é preciso. *Por fim é só colocar a rolha na garrafa* - adianta Samuel Corujo entusiasmado com a sua arte e engenho.



Quando questionado pelos **Murteirinhas** relativamente ao tipo de materiais que utiliza na construção, refere que nos cascos dos navios usa balsa, pela sua leveza e facilidade de cortar, para os mastros recorre à cana de bambu ou palitos dos dentes, para imitar os cabos usa linhas de coser e para fazer as velas utiliza papel de mortaldas de cigarros, cola e tintas.

Na confecção destas miniaturas utiliza ferramentas artesanais, muito rudimentares, inventadas por si, tais como, tesouras, pequenas tenazes, arames torcidos para chegar aos pontos mais escondidos...

Cada miniatura demora sensivelmente 20 a 22 horas na sua confecção, tempo este que o artesão foi diminuindo com a prática.

Por fim, falou aos **Murteirinhas** da vastidão da sua obra, adiantando que por causa dos emigrantes, o seu trabalho está espalhado por todo o mundo. Para além disso, a sua lista de encomendas é enorme, especialmente após uma deslocação à televisão. Finalmente realçou, que todos os trabalhos que faz estão desde logo vendidos e por esse motivo, nunca comparece nas feiras de artesanato, apesar de ser muito solicitado.

Os elementos do **Bugalho**, Clube da Floresta da Escola Básica de Forjães valorizam uma pequena indústria artesanal que se dedica à construção de remos e vertedouros, situada na freguesia de Aldreu, onde se insere a sua escola.

Os aderentes deste Clube da Floresta apostaram em conhecer esta pequena indústria, por Forjães se situar próximo dos grandes centros de pesca artesanal.

Segundo os elementos do Clube **O Bugalho** apuraram, no fabrico daqueles utensílios é utilizada como matéria-prima a madeira de pinheiro bravo, espécie abundante na região. Depois de abatidos, os troncos são serrados em pequenas pranchas que quando secas vão ser talhadas em remos e vertedouros.

Esta indústria, que se mantém na mesma família há mais de seis gerações, tem uma clientela que vai desde o Norte de Espanha ao Sul de Portugal.

Os remos, actualmente, só são utilizados em pequenas embarcações de pesca artesanal e em modalidades desportivas - REMO.

Todavia, antes do aparecimento da máquina a vapor, os remos também eram utilizados para impulsionar grandes navios (galeras romanas, barcos "vikings", chegando a medir cerca de 14 metros de comprimento e eram manobrados por vários remadores.

A palavra remo designa uma vara comprida de madeira em forma de pá, que se utiliza para deslocar as embarcações na água e, os vertedouros são um género de pá com que se despeja a água das embarcações.

Esta visita efectuada pelos membros do Clube **O Bugalho** revelou-se bastante enriquecedora não só para estes elementos que a efectuaram, como também para os trabalhadores da pequena indústria artesanal, por terem visto o seu trabalho divulgado e até reconhecido.



Clube da Floresta "As Andorinhas" - Escola EB 2,3 de Gornes Tames de Azeitão - Mangualde



Voia Poética

O Buteozinho

Bom dia Buteozinho
Levantas-te tão cedo?
Levanto-me de madrugada,
E não tenho medo.

Bom dia Buteozinho
O que vês ao voar?
Vejo a floresta com seu encanto,
Vejo o mundo a rodar.

Bom dia Buteozinho
Onde gostarias de viver?
Na floresta que é maravilhosa
Melhor lugar, não deve haver.

Bom dia Buteozinho
Por fim o que me querias dizer?
Cuida da nossa floresta
Não a deixes arder.

Cristina - Clube da Floresta **Buteo** - Escola Básica 2/3 de Ancede



Marta Luísa de Sousa Martins - Clube da Floresta "Bolota" - Grup. 470 CETE do CNE

Como tratar a floresta

Respeite a floresta,
Trate-a com carinho,
Porque à sombra desta,
Está o bom caminho.

Cantam os passarinhos,
Tudo ao natural,
Por isso amiguinhos,
Não a tratem mal.

Como é bonito,
Um dia na floresta,
Sempre fica escrito,
É dia de festa!

Um dia passado,
Com um piquenique,
Tudo bem lavado,
Que nada lá fique.

Ligado à limpeza,
Está o asseio,
É uma tristeza,
Se tudo fica feio.

Nunca faça lume,
E tome cuidado,
Respeite o perfume,
Que por ela é dado.

Lume na floresta,
O que pode dar,
Acabar a festa,
Sair a chorar.

Lá vão os bombeiros,
Arriscando a vida,
Eles são os primeiros,
Sempre em corrida.

Depois o que resta,
É a desilusão,
Lá fica a floresta,
Reduzida a carvão.

Limpe a floresta,
É um bem que temos,
Porque sem esta,
não sobrevivemos.

Cremildo Tomás (poeta popular) - Clube da Floresta da Escola Secundária de Mação



A floresta

A Floresta é um tesouro
que devemos bem guardar
é verde, é vida, é ouro
que devemos preservar.

Corramos p'ra floresta
vamos todos sem demora
a natureza é uma festa
amigos, chegou a hora!

Clube da Floresta **Ouriço Picoletas** - Escola Básica de Figueiró dos Vinhos

Olha o Jornal!

Queres receber o Folha Viva directamente em tua casa?

Então torna-te assinante. Para receberes todos os números, do presente ano lectivo, fotocopia a ficha anexa e envia-a acompanhada de cheque / vale do correio, para: Jornal Folha Viva Projecto Prosepe, Avª Bissaya Barreto, 58, r/c - 3000 Coimbra.

Caso pretendas, ainda, podes adquirir os números 1, 3, e, 4 do ano lectivo 1997/98, preenche a ficha anexa logo a seguir ao picotado e, remete o cheque/vale do correio para a morada anteriormente referida. Os envios proceder-se-ão de acordo a ordem de chegada das fichas e os stocks disponíveis.

Nome _____

Membro do Clube da Floresta _____

Escola _____

Desejo tornar-me assinante da Folha Viva no ano lectivo de 1998/99, para o que junto a importância de: ☐ 500\$00 (para membros do Clube da Floresta),
☐ 1.000\$00 (para outros leitores);
destinada a custear as despesas de embalagem e envio.

☐ Vale de Correio ☐ Cheque nº _____ sobre o banco.

Pretendia que me enviassem o Jornal para a seguinte morada:

Rua _____ nº _____

Código Postal _____ Localidade _____

Pretendia ainda que me enviassem os seguintes números já publicados:

- ☐ nº 1 (125\$00),
nº 2 (esgotado),
☐ nº 3 (125\$00),
☐ nº 4 (125\$00).

Sabias?...?

A composição de dentríficos....

A pasta de dentes é feita através de uma mistura de armação de veado em pó, ervas, mel e cinza de cascos e ossos de boi carbonizados.

Marlene - Jornal Escolar Cegonha Branca - Escola C+S de Lebução, enviado pelo Clube da Floresta Verde

Os dez mandamentos da floresta

- 1 - Respeitar a floresta, tudo fazendo para a conservar, bem gerir e desenvolver.
- 2 - Gerir de forma sustentada a floresta para manter a diversidade biológica, a produtividade e a capacidade regenerativa.
- 3 - A floresta é símbolo da solidariedade entre gerações. Assim deve ser gerida.
- 4 - Valorizar o carácter multifuncional da floresta para potenciar a diversidade de bens e serviços que proporciona.
- 5 - A floresta deve contribuir para o desenvolvimento económico do país.
- 6 - Manter e resolver os recursos florestais.
- 7 - Manter o bom estado sanitário e a vitalidade dos recursos florestais.
- 8 - Manter a diversidade biológica dos ecossistemas.
- 9 - Preservar os ecossistemas florestais sensíveis ou em risco.
- 10- Reforçar o diálogo sobre questões florestais.

Susana Fernandes; Diana Martins, Sandrine Sá - Clube da Floresta **Os Reboredos** - Escola Básica de Vila Maior - Torre de Moncorvo



Clube da Floresta "Os Texugos", Escola EB 2,3 de Oliveirinha



É para a descobrção

Adivinha o que é! ...

I
Sou mais vasto do que o mar
E ninguém me pode ver;
Todo o mundo é o meu lar,
Sem mim não podes viver.

Solução: Ar

II
Tenho camisa e casaco
Sem remendo nem buraco;
Estouro como um foguete
Se alguém no lume me mete.

Solução: Castanha

III
Verde foi meu nascimento
Mas de luto me vesti
Para dar luz ao mundo
Mil tormentos padeci

Solução: Azeitona



- ca +



- ca

Solução: Madeira



-riz + u

Solução: Nau



- batanast

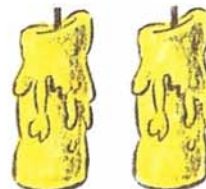


- lher

Solução: Barco



+



Solução: Caravela

Charadas

Ao decifrares as figuras e jogares com as letras,
crias palavras que te são familiares.



- rra + n +



- to +



- do

Solução: Jangada



- ro +



- rro +



- n

Solução: Euclipto



- rar + u +



- co

Solução: Choupo



- gua + r



- o +



- mo

Solução: Arvore

É para o retrato

No Folha Viva, número 3, Ano 1, de Maio de 1998, foi lançado o concurso fotográfico, subordinado ao tema: Verão na Floresta.

Atendendo a que ocorreram as férias escolares, não se registou grande participação, pois apenas recebemos a candidatura que aqui se publica. Assim, a Coordenação do Prosepe decidiu anular o concurso.



Humberto Ferreira - Clube da Floresta "Bolota" - Agrup. 470 CETE do CNE

Porém, pelo sucesso de edições anteriores, decidimos propor-te um novo concurso, subordinado ao tema: O Homem na Floresta.

As fotografias sujeitas a concurso devem evidenciar aspectos característicos de diferentes intervenções do Homem nos espaços florestais.

Podes concorrer com um máximo de 3 fotografias, a cores ou a preto e branco (10cm x 15cm), apresentadas numa cartolina de cor preta, tamanho A5, onde conste no verso, a respectiva identificação do autor (nome, clube e escola), enviando-as até 5 de Fevereiro. Não esqueças de fazeres referência ao local onde tiraste a tua fotografia.

Os autores dos trabalhos apresentados a concurso cedem ao Projecto Prosepe todos os direitos sobre a sua eventual reprodução.

Os trabalhos serão apreciados por um júri que incluirá profissionais ligados à fotografia.

Participa. Envia os teus trabalhos para:

Concurso "É para o retrato - "O Homem e a Floresta",

Projecto Prosepe

Avª Bissaya Barreto, 58, r/c

3000 Coimbra

É para a pintura

Vamos lançar-te outro desafio. Dá asas à tua imaginação e revela os teus dotes artísticos ao participares no concurso de desenho, subordinado ao tema: "A Floresta, um património de todos".

Podes concorrer com um máximo de 3 trabalhos, devendo estes serem individuais e originais. No verso de cada trabalho deve constar, a respectiva identificação do autor (nome, clube e escola).

O trabalho gráfico deve ser apresentado em papel A4, marginado em 2 cm, devendo estes evidenciarem aspectos característicos dos espaços florestais e, na sua elaboração, podem ser utilizados diversos materiais, tais como, lápis de carvão, a cores, canetas, aguarelas, tintas...

O trabalho deve ser elaborado em papel cavalinho ou qualquer outro semelhante de cor branca.

Os autores dos trabalhos apresentados a concurso cedem ao Projecto Prosepe todos os direitos sobre a sua eventual reprodução.

Serão premiados os 3 melhores trabalhos, reservando-se o Prosepe no direito de não atribuir nenhum prémio desde que a qualidade dos trabalhos assim o justifique.

Os trabalhos serão apreciados por um júri que incluirá profissionais ligados às artes gráficas.

Participa. Envia os teus trabalhos até 5 de Fevereiro para:

Concurso "É para a pintura - "A Floresta, um património de todos",

Projecto Prosepe

Avª Bissaya Barreto, 58, r/c

3000 Coimbra

Cria, recolhe e envia

Com vista a uma futura publicação do Prosepe, propomos-te que elabores mensagens alusivas à floresta. Assim, cria ou recolhe essas pequenas frases, mas plenas de significado e envia-nos para a morada que tu já sabes de cor e salteado.



Janela da floresta



A toupeira

A toupeira, de nome científico *talpa occidentalis*, é um animal insectívoro e vive quase permanentemente debaixo da terra. Com a ajuda do focinho pontiagudo e dos membros anteriores curtos e fortes, munidos de unhas longas, cava a terra fazendo compridos túneis sinuosos e irregulares.

Os olhos são pequenos, revestidos por uma película transparente e protegidos por pêlos circundantes, o que faz com que este animal tenha uma visão muito deficiente, distinguindo apenas a claridade da escuridão.

Alimenta-se de larvas, minhocas e pequenos insectos do solo que facilmente localiza com a ajuda do olfacto apurado e de uma audição agudíssima.

Depois de apanhar a presa esmaga-lhe a cabeça com os dentes afiados, fazendo muitas vezes armazéns de alimentos nas suas galerias.

É um animal voraz, pois precisa de muita energia diária para o trabalho intenso e quase contínuo que realiza ao cavar com as patas, os túneis no interior do solo.

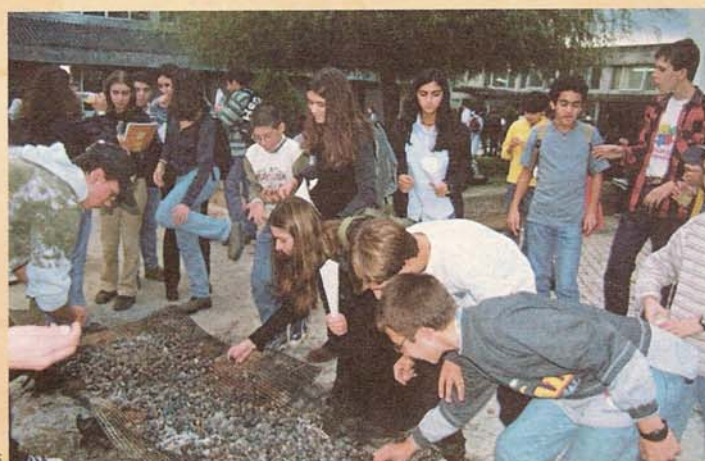
Ana Filomena Santos, Ana Teresa Caetano, Filipa Miranda Saramago, Ana Luísa Ramos, Janeth Oliveira - Clube da Floresta Guaflo - Escola Básica 2/3 de Mira



Outono Prosepe • floresta viva

O Magusto

Muitos dos Clubes da Floresta aderentes ao Prosepe • Floresta Viva comemoraram o Dia de S. Martinho. Nalguns casos, esta actividade foi dinamizada a nível distrital, noutros cada Clube envolveu a sua comunidade educativa.



Clube da Floresta "Os Robins Azuis" da Escola Sec. do Entroncamento

Desta forma, em torno da realização do magusto, os jovens membros dos Prosepe Clubes da Floresta efectuaram um trabalho de pesquisa relativo à lenda de S. Martinho, ficaram a conhecer um pouco mais sobre a espécie arbórea pertencente à família *Fagaceae*, os castanheiros e o respectivo fruto e, até efectuaram um levantamento de provérbios e de receitas gastronómicas alusivas ao tema da comemoração.

No próprio dia 11 de Novembro, para além do Magusto, realizaram jogos populares (corrida de sacos, tracção da corda, corrida com uma maça numa colher), danças, ouviram música ...



Clube da Floresta "Os Heróis da Floresta" do Instituto Educativo do Lordemão - Coimbra



Enfim, as Escolas estiveram engalanadas para o acontecimento, registou-se cooperação entre todos e sensibilizou-se a comunidade educativa para a necessidade de se preservar um bem comum, a Floresta.

De facto, este evento constituiu uma jornada profícua quer por estimular o convívio entre os membros das comunidades educativas ou dos clubes da Floresta, quer no desenvolvimento de atitudes e competências como se pode testemunhar pela mensagem enviada pelos **Heróis da Floresta**, Clube da Floresta do Instituto Educativo do Lordemão, em Coimbra: "Este ano serviu de pretexto a Natureza que é necessário preservar, lembrando que S. Martinho repartiu a sua capa com quem não tinha roupa... Assim, aproveitámos também para desenvolver a actividade pedagógica de educar, ensinando que os que podem, devem ajudar os que precisam! O mesmo tipo de actuação devemos ter para com a Floresta, pois ela precisa de nós! Temos que a proteger."



Clube da Floresta "Columba" da Escola Básica e Snc. Gonçalves Zarco



O Clube da Floresta "Pulmões do Mundo" da Escola 2/3 do Viso, do distrito do Porto realizaram uma visita ao Marão com a colaboração da Direcção Regional de Agricultura e Florestas de Entre Douro e Minho e do Pelouro do Ambiente da Câmara do Porto. Para além dos membros do Clube, no ano lectivo de 1997/98, participaram ainda, outros alunos com vista a integrarem o Clube no presente ano lectivo.



Os alunos visitaram o Parque Florestal de Amarante, no qual dedicaram uma especial atenção ao centro de tratamento e catalogação de sementes de espécies florestais, os viveiros e as estufas em Fridão e o Posto de Vigia Fixo do Marão.

No fim de um ano de actividades, os elementos do Clube decidiram aumentar os seus conhecimentos sobre a floresta. Assim, partiram para o terreno e como, pretendiam adquirir *"bons ensinamentos para a sua mini-estufa"* decidiram começar por visitar o Parque Florestal de Amarante. Aí, aguardava-os um guarda florestal que lhes explicou qual a sua função, quer ali no parque, quer na floresta. Acompanhados de um engenheiro florestal, receberam explicações das diferentes espécies existentes no Parque, quer da fauna, quer da flora e visitaram o centro de tratamento e catalogação de sementes de espécies florestais.

Visita ao Marão

Trabalho elaborado pelos alunos participantes no Clube da Floresta "Pulmões do Mundo", Escola EB 2/3 do Viso.

Em Fridão tiveram oportunidade de ver qual o processo de plantação e tratamento das espécies florestais (folhosas e resinosas) em viveiro, estufas, sistemas de refrigeração, tipos de turfa, etc. Esta actividade, a cargo dos serviços florestais tem conhecido nestes últimos anos uma grande evolução, pois as espécies aqui produzidas destinam-se à reflorestação. Foram ainda alertados, para a actual preocupação de se constituírem, o mais possível, florestas mistas, por forma a enriquecer a fauna e a flora, a valorizar a paisagem e a travar a acção dos agentes de degradação.

Nos viveiros de trutas do Marão viram as trutas para repovoamento piscícola de rios e ribeiros. Este tem lugar a partir de Maio e pode prolongar-se por vários meses.

As espécies mais utilizadas são a truta Fário, outrora importada da Dinamarca e a truta Arco-Íris espécie semelhante à outra truta, distinguindo-se desta pela coloração e pelas escamas, mais pequenas.

No Posto de Vigia Fixo do Marão, os alunos tiveram oportunidade de ver como se age para a detecção de um incêndio florestal e o modo de actuar em situação de emergência.

Os aderentes aos **Pulmões do Mundo** ficaram ainda a saber que os postos de vigia fixos no terreno são colocados em locais criteriosamente escolhidos e, constituem a base do sistema de vigilância da floresta. Mais foram informados que os postos de vigia estão guarnecidos de pessoal responsável e zeloso e que têm prestado relevantes serviços na detecção precoce de incêndios florestais.

O bom conhecimento da região facilita-lhes a indicação mais precisa do local onde ocorre o foco de incêndio, para além da indicação do azimute. Também devem indicar o tipo de combustível a arder, a intensidade e sentido de progressão do incêndio, relevo, acessos e ainda a situação do vento.

